EDITORIAL

SOCIALISMO E TEOLOGIA FACE AOS ACONTECIMENTOS DO LESTE EUROPEU

Com os fatos que se atropelaram no Leste europeu, determinada realização histórica do socialismo — a leninista-estalinista — chegou ao fim. As repercussões deste fato atingem o mundo inteiro, desde a própria Rússia, o centro do sistema, até as longínquas periferias do socialismo chamado "real", em Cuba e Nicarágua, e também, de modo paradoxal, a África do Sul, onde o desmantelamento do socialismo soviético diminuiu o medo dos afrikaanders brancos diante do movimento anti-apartheid, suspeito de ser um posto avançado do comunismo mundial.

Alguns acontecimentos são nada menos que vertiginosos: a rapidez da evolução na Alemanha Oriental, tida por baluarte mais resistente do sistema, acompanhada de uma igualmente acelerada articulação da idéia da reunificação, na qual convém reconhecer um revival do nacionalismo, como se percebeu também na Polônia, nos países bálticos, no Azerbadjão, no Tibete... Outros fatos são dramáticos: a volta para trás, na China, e a repressão na Romênia, que não conseguiu esmagar o sonho de liberdade, ainda que sua realização até hoje pareça frágil e vulnerável.

Menos óbvia que os fatos é a sua leitura. A mídia corriqueira entre nós não deixa de doutrinar os seus consumidores acerca do fim do socialismo e a vitória do capitalismo. E até não falta teólogo que, na linha de Michael Novak, finalmente vê chegada a era do capitalismo cristão, a ser respaldado, certamente, pelos cristãos do Leste europeu, que se revelam muito mais numerosos do que se imaginava no tempo da Cortina de Ferro.

Por outro lado, há quem diga, como os mentores do PC italiano, que o socialismo está voltando às suas origens. Ou ainda, que finalmente a participação nos bens da sociedade — "a cada um conforme sua necessidade", conforme Marx, Ex 16,18 e At 2,45 — se está realizando sem restrição à liberdade, de modo que a perestroika pode ser considerada como um passo para frente na realização da utopia socialista. Um socialismo livre, democrático, a tal ponto que os países satélites e mesmo as nações absorvidas pela URSS poderão algum dia dar livre expressão a suas aspirações de autodeterminação. A idéia do socialismo democrático foi assumida também entre nós no discurso da Frente Brasil Popular.

Diante destas leituras divergentes, sejamos sóbrios e aprendamos do próprio Marx — sem por isso adotar o determinismo histórico-materialista — a buscar as causas materiais que se escondem por trás das eloqüentes interpretações. O estopim — embora não a razão profunda — foi o fracasso econômico. Num mundo onde todos os países estão endividados, os que adotam um sistema de economia fechada parecem ter menos jogo de cintura que os países de capitalismo aberto... Ora, um dos grandes culpados do déficit mundial é o armamento. Gorbachev teve a coragem de se arriscar neste terreno minado. Preferiu perder uma parcela de influência militar — ganhando influência moral — a entrar na bancarrota. Pelo menos por uma vez, “o que é bom para a Rússia é bom para o mundo”. Sacrificar o controle militar do bloco oriental era um mal menor, e permitiu-lhe tornar-se protagonista do desarmamento, mesmo unilateral. Assim como a reunificação da Alemanha lhe permitiu embaralhar o jogo da unificação econômica européia e se tornar um parceiro namorado por todas as cortes... Tanto a leitura liberal como o socialista se colocam no nível da ideologia. Mas, ideologia à parte, a causa imediata da recente evolução parece ter sido a necessidade econômica e, em íntima ligação com isso, a sobrevivência do Estado soviético — e de sua hegemonia, embora “maquiada”. Será que a sobrevivência do regime socialista fez, paradoxalmente, morrer o socialismo real?

Ora, se os fatores econômicos constituíram o estopim da crise, talvez não foram a dinamite. O explosivo que pegou fogo estava aí desde muito tempo. Não nos esqueçamos dos levantes de Berlim 1952, Hungria 1956, Praga 1968, antes que a Solidariedade de Lech Walesa, na Polônia, consolidasse decisivamente a dissidência... Se houve socialização do bem-estar nos países da Cortina de Ferro, ela nunca abafou a saudade da liberdade. Explodiu uma busca de liberdade, não apenas individual, mas também coletiva, no nível da cultura, da herança, religiosa, do estilo de vida, da solidariedade em oposição à suspeita, da espontaneidade tão cara aos povos balcânicos, etc.

Os fatos são ainda muito novos para julgarmos. Ainda não podemos, como a coruja de Minerva — na imagem de Hegel — iniciar nossa volta noturna para ver o que os homens realizaram durante o dia, enxergando-o sem as cores do acontecimento vivo... E mais: mesmo vistos com distância, os grandes acontecimentos são polissêmicos. Não têm um significado único. Cada um percebe neles um significado para si. Assim será também com os fatos que estamos comentando.

Será que estes fatos ambíguos significam o fim do socialismo, como pretende a leitura liberal? Uma vitória da ideologia liberal — ou mesmo do “fato econômico” — sobre a ideologia socialista? Não sejamos simplistas. As ideologias estão sujeitas à hermenêutica. Podem ser inter-

pretadas como legitimação de determinado sistema, mas podem também ser manifestação de um significado mais profundo, no nível do simbólico, do mítico, no homem e na sociedade. O que aparece como ideologia socialista talvez esteja enraizado nas aspirações inconscientes mais profundas da coletividade. Se a Bíblia já considera como ideal que não haja pobres no meio do povo (Dt 15,3) e que cada um receba conforme sua necessidade, e não conforme sua capacidade de capitalizar (Ex 16, 17-18), não devemos pensar que este sonho seja derrubado com a queda de alguns regimes na periferia soviética.

O socialismo como utopia é a aspiração da coletividade humana frente a uma carência gerada por seu contrário: a alienação do trabalho, trazendo exploração e miséria. A expropriação do trabalho reveste formas históricas diversas, desde a escravidão do antigo Médio Oriente até o capitalismo no atual Terceiro Mundo. O socialismo real quis, num determinado contexto, realizar o sonho da não-carência, e isso, de maneira científica, pela coletivização dos meios de produção. Pode ser que essa maneira não tenha resistido ao tempo, às mudanças que fazem cada época ser diferente de todas as outras...

O que está em "crise" — em julgamento quanto à sua adequação histórica atual — é a "ciência" de uma determinada maneira de procurar a realização da utopia: uma ideologia, bem distinta da própria utopia socialista (cf. K. Mannheim). Uma experiência muito limitada de realização socialista pode ter chegado ao fim. Aos poucos, foi revelando as raízes de sua insuficiência. Mais profundamente que o inegável fator econômico a razão do malogro do sistema e do desafeto da população pode ter sido a falta de liberdade: nem o indivíduo, nem a coletividade chegaram a ser o sujeito do regime. O socialismo real, apesar de seu discurso oficial, não se realizava graças à plena e livre participação do sujeito popular, mas graças à força inicialmente convencidora e mais tarde coercitiva de uma minoria de iluminados. Em Cuba, trinta anos de revolução socialista não bastaram para deixar o povo participar do poder. Outra raiz do desafeto pode ter sido a falta de respeito para com as dimensões fundamentais da personalidade coletiva: cultura, religião, língua, etc., dimensões que se mostram atualmente tão poderosas como "mola propulsora da História" quanto as próprias relações de produção. Pois entre os elementos considerados infra-estruturais e supra-estruturais não existe uma dependência mecânica, mas uma dialética criativa.

A insuficiência mais profunda, todavia, pode ter sido a ausência, no discurso e nas instituições, da referência a um verdadeiro Transcendente, indisponível e autônomo em relação às duvidosas entidades políticas revestindo-se precariamente com o discurso do bem-comum. A Bíblia traz — nas primeiras páginas, por causa de seu valor universal —

uma lição a não esquecer: o pecado. Coletivizar os meios de produção seria uma maneira para fazer com que o operário fosse dono completo de seu trabalho e, portanto também, de sua fruição. Mas há no mínimo dois pontos precários nesta tentativa: por um lado, o operário deve manter a determinação de querer ser dono de sua produção, e não se entregar à facilidade ou à fatalidade; e por outro lado, precisando-se de representantes e executores da vontade do povo, é difícil fazer com que estes não identifiquem a vontade do povo com seu próprio proveito. Aquilo que não surpreendeu tanto no caso de um conhecido maníaco como era Ceausescu, causou tanto mais atordoamento ao ser descoberto no discreto e aparentemente austero Honecker: a corrupção. Somos todos filhos de Adão. Por isso, o socialismo radical pode ser real somente no primeiro fervor, ou entre monges bastante santos... Não será o verdadeiro "socialismo real" o utópico, e não terá ele em comum com a religião bíblica ser um grito do oprimido?

Mas o processo ao socialismo leninista-estalinista não impede que também a "ciência" ou ideologia oposta esteja em julgamento. Pois, se de repente o remédio ficou insuportável, isso ainda não quer dizer que o mal foi erradicado... Enquanto houver indevida concentração do poder mediante a apropriação dos meios de produção, existirá a crítica à propriedade irresponsável. Enquanto a mão-de-obra for mercadoria e o ser humano objeto de compra e venda, a alienação do capitalismo ainda não foi superada.

Também o capitalismo liberal está em questionamento e, com ele, o conceito de liberdade. Que tipo de liberdade é que se quer? A liberdade individualista, que teoricamente reconhece como limite a liberdade e o direito do outro, mas nunca chega a demarcar com nitidez este limite... ou a liberdade social, baseada na idéia da responsabilidade do indivíduo pelo bem de todos. A primeira idéia da liberdade foi desenvolvida de modo radical a partir da Renascença. A segunda tem raízes bem mais profundas, que se refletem, por exemplo, no Novo Testamento, quanto Paulo descreve a liberdade como ser livre para tornar-se escravos (douleuesthai) uns dos outros (Gl 5,13).

Não fomentemos ilusões a respeito da busca de liberdade daqueles que agora se libertam dos regimes comunistas. Inexperientes com o liberalismo do mundo ocidental e não vacinados contra seus desvios, correm o risco de importar do Ocidente uma liberdade da pior espécie, uma liberdade para o consumo e a veleidade, em detrimento das estruturas e até da idéia de "solidariedade", que foi a bandeira da vanguarda da libertação do socialismo estalinista, na Polônia.

A crítica utópica ao liberalismo individualista não deve ter chegado ao fim, já que os efeitos deste liberalismo se tornam cada dia mais

insuportáveis. A crescente situação de injustiça e miséria dos países capitalistas do Terceiro Mundo continua sendo irrefutável libelo de acusação contra este sistema desumano.

Depois destas observações cautelosas, podemos agora levantar perguntas mais diretamente relacionadas com o cristianismo e com sua reflexão teórica, a teologia. De modo provocante formula-se a pergunta: "Agora que ruiu o socialismo, não desaparecerá também a teologia da libertação?" E percebe-se que alguns setores da Igreja encontram no trend político dominante um apoio para tentar fechar a Igreja não só aos perigos da Modernidade, mas, sobretudo, a participação articulada do povo.

Nestas últimas décadas, tem-se desenvolvido, nos deserdados países do Terceiro Mundo, uma teologia mostrando que a encarnação do amor fiel de Deus na história dos homens exige engajamento político e social do lado das classes oprimidas. Esta convicção de fé tem levado a opções políticas concretas — opções ideológicas e partidárias — necessárias para conferir densidade histórica ao compromisso. Até certo ponto, estas opções se relacionavam — sobretudo no uso do método sócio-analítico — com a figura histórica do socialismo que, no Leste europeu, está em fase de desconstrução. Então, o que significa a crise do socialismo real no Leste europeu para a teologia que no âmbito da fé cristã oferece legitimação aos mencionados engajamentos?

Os fatos que estamos focalizando podem provocar sadios questionamentos a este tipo de teologia, servindo para mostrar que não devemos identificar sem mais o Reino de Deus com realizações históricas limitadas e ambíguas, sobretudo por serem muitas vezes marcadas por um prometeísmo profundamente ateu, que pretende fazer do homem o sujeito absoluto da História e não o aliado de Deus.

Servem também — e então serão alimento de esperança — para mostrar a persistência da fé, e mais especificamente da fé cristã, apesar da repressão de mais de meio século. Surge à nossa mente a lembrança da religião de Israel na época do Exílio babilônico. E certamente o restabelecimento do contato com este cristianismo, que viveu mais da pertinaz fidelidade do que da busca de modernização, poderá significar um enriquecimento inesperado, embora não sem problemas de diálogo, que talvez já tenhamos percebido em determinadas opções e prioridades do atual Papa.

Por fim, emerge a necessidade de ampliar a dimensão concreta daquilo que queremos dizer pelo termo libertação. É libertação também aquilo que os pastores luteranos na Alemanha Oriental e na Romênia, os líderes católicos na Polônia e na Tchecoslováquia, e os piedosos ortodoxos na Rússia propuseram como bandeira aos seus fiéis: libertação do

medo das delações, dos ostracismos e marginalizações corriqueiras destinadas aos dissidentes da ideologia dominante. Libertação das contradições emperradas e não dialeticamente superadas... Libertação histórica em nome de um Reino de Deus encarnado não significa no mundo inteiro a mesma coisa que no Brasil da era Collor. Devemos aprofundar a reflexão e procurar descrever melhor o denominador comum que abranje formas aparentemente opostas de engajamento político e visão ideológica, chegando assim a uma compreensão mais ampla e duradoura, que não se sinta abalada com uma derrota eleitoral.

Face à pergunta que acabamos de evocar, importa sobretudo ver qual é a real vertente da teologia da libertação. Ela não nasceu para legitimar uma ideologia política, mas para ler na ótica de Cristo e dos pobres os sinais do tempo que são a miséria e a opressão. Enquanto existem pobres e oprimidos, a teologia da libertação tem a tarefa de refletir sobre a interpelação que eles constituem e de acenar-lhes a bandeira da esperança. Nesta perspectiva, não será o fechamento à dinâmica de conscientização e participação, perceptível em alguns setores da Igreja, uma acomodação à nova tendência dominante, uma capitulação diante do "mundo" (no sentido de S. João)? Se a teologia da libertação não nasceu porque a esquerda estava na moda, mas porque a Igreja se lembrou de que Deus ouve o grito do oprimido, a virada da maré não provocará a surdez diante deste clamor.

Lembre-mo-nos das palavras de D. Luciano Mendes de Almeida, que acompanha estes meses movimentados desde a "prisão" de sua convalescência: "A teologia da libertação pôs o dedo na chaga da América Latina" (cit. apud J. SOBRINO, Os seis jesuítas mártires de El Salvador, São Paulo: Loyola, 1990, p. 62).